

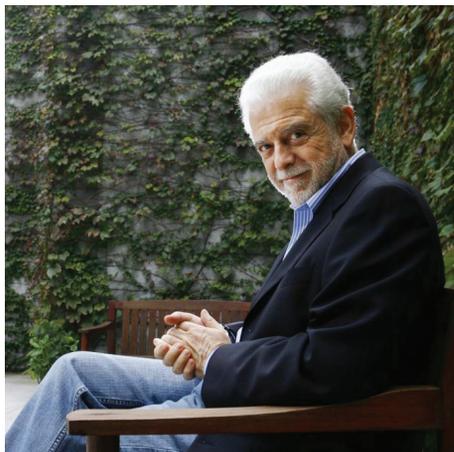
# “A Cidadania e as Minorias”

## “Citizenship and Minorities”

As questões que envolvem as minorias têm sido relevantes na nossa sociedade. Em função desse fato entrevistamos o Dr. Flavio Gikovate, psiquiatra que tem tido ação relevante nessa área, para discutir e procurar esclarecer alguns aspectos importantes em relação ao tema: quem são as minorias e por que elas existem.

**Verônica Cristo** – *A cisão de nossa sociedade entre minorias e maioria me parece estar ligada à ideia do preconceito. O ser humano é um ser preconceituoso por natureza? Qual é a origem desse sentimento?*

**Flavio Gikovate** – O que existe no ser humano não é uma questão de natureza e sim de cultura. No ser humano, temos que desmembrar bem a palavra “natureza” – que sempre pressupõe uma razão biológica, genética, que não tem consercto. Acho que tem muito mais a ver com cultura. Essencialmente o que acontece é que, na cultura e no jeito como as pessoas aprendem a pensar, elas aprendem



DIANA HELENA DE  
BENEDETTO POZZI,  
BRUNO ROBERTO  
PADOVANO, VERÔNICA  
REIS CRISTO, WALDENYR  
CALDAS E CINTIA  
OLIVEIRA

Universidade de São Paulo.  
Pró-Reitoria de Cultura e Ex-  
tensão Universitária, São Pau-  
lo, Brasil

FLÁVIO GIKOVATE

Universidade de São Paulo,  
São Paulo, Brasil

a não respeitar a diferença de opinião ou as diferenças em geral. Então tudo que for diferente vai ser mal visto. Isso acaba sendo a matriz, o modelo, de todo o preconceito global. Por exemplo, se um casal, mesmo quando não tem preconceito no sentido social (minorias e maioria), tem opiniões diferentes sobre um mesmo tema, a diferença de opinião já é suficiente para se tornar motivo de briga, atrito, desrespeito. Então, a dificuldade de lidar com diferença de opinião, ou diferenças, é a matriz de todos os preconceitos. E as diferenças, as vezes são pra mais, as vezes pra menos, mas sempre têm preconceito. Existem preconceitos das minorias também, das minorias entre elas (subgrupos) e preconceitos das minorias contra as majorias. A diferença de opinião é que é o problema e, em uma sociedade em que a cultura, a psicologia, não é amiga e respeitosa das diferenças de opinião, será sempre assim: onde há diferença, haverá conflito. O preconceito é inerente a um jeito de pensar que faz parecer que cada um é dono da verdade.

**Diana Pozzi** – *Afinal, quem seriam as minorias? A denominação existente não estaria camuflando o preconceito?*

**FG** – Se pensarmos bem genericamente, minorias são aquelas pessoas que ficam “fora da caixa”, que não se enquadram na categoria ou no padrão de comportamento oficial de uma sociedade. As minorias étnicas não necessariamente são minorias numéricas, na África do Sul, por exemplo, existiu um preconceito enorme contra negros que eram a imensa maioria do país. Então, as minorias podem ser grupos que representam estatisticamente número menor ou grupos que se veem estigmatizados por serem diferentes da média. Os homossexuais, os judeus, os árabes e japoneses durante um tempo, todos foram estigmatizados por serem diferentes, nem todos necessariamente por um aspecto físico. Eles acabam sendo subgrupos

que têm costumes, hábitos que são diferentes do oficial, aceito pela maioria, e por isso são considerados minorias.

Algumas denominações camuflam o preconceito, mas não obrigatoriamente. As minorias e os preconceitos são sempre envolvidos, por significarem grupos diferentes, tudo o que é diferente gera preconceito, mas não obrigatoriamente é uma minoria. Sempre vai haver o problema, tudo é uma questão de respeito ou não pelas diferenças e isso é uma coisa que realmente não é parte da educação das pessoas.

**Diana Pozzi** – *Haveria algum meio para reduzir ou mesmo eliminar o preconceito?*

**FG** – Só se as pessoas aprenderem a respeitar as diferenças, essa seria a única condição para se mudar alguma coisa. Agora, isso vem de uma formação desde a infância. As crianças têm uma tendência a depreciar e debochar dos que são diferentes, uma tendência forte de chacota, principalmente entre meninos de 6 e 7 anos de

idade, o que já é um indício de uma forma de pensar em que todo o diferente pode ser mal visto. Eles aprendem os apelidos pejorativos em casa, com pais que não respeitam suas particularidades, disputas entre torcidas de futebol, brigas pra ver quem vai ser campeão em escola de samba, no Congresso. Então, acaba sendo meio assim “não sei do jeito que eu quero, tenho que brigar”, e essa mentalidade teria que ser substituída por uma mentalidade efetivamente democrática, que aqui no Brasil não existe.

**Bruno Padovano** – *Qual a relação entre minorias e cidadania, e como é que a atual constituição trata esses dois assuntos?*

**FG** – Na verdade, pra que se possa falar em cidadania, é preciso falar em respeito a todos os tipos de pessoas. “Cidadania” significaria que todos

**ESSENCIALMENTE O QUE ACONTECE É QUE, NA CULTURA E NO JEITO COMO AS PESSOAS APRENDEM A PENSAR, ELAS APRENDEM A NÃO RESPEITAR A DIFERENÇA DE OPINIÃO OU AS DIFERENÇAS EM GERAL. ENTÃO TUDO QUE FOR DIFERENTE VAI SER MAL VISTO.**

os indivíduos que são membros de uma determinada comunidade, independente de credo, cor, sexualidade, gênero, teriam direito a igual quantidade de privilégios e deveres. Ou seja, estamos muito longe disso ainda.

**Diana Pozzi** – *Considerando que temos uma constituição que reza direitos e deveres iguais para todos, há legislações que têm sido criadas com o intuito de proteger, e mesmo beneficiar, as assim chamadas minorias. Essas coisas não incorrem no risco de aumentar o preconceito?*

**FG** – Quanto mais a própria lei facultar todas as liberdades para todos, mais fácil será a vida em comum, porque de fato todos os direitos têm de ser equalizados. Contudo, sempre haverá aquele grupo de privilegiados que vai gerar conflito para não perder privilégio algum. Conflitos, dentro de uma sociedade onde existe cidadania, serão sempre resolvidos pela lei. As vezes são conflitos que antecedem as votações nos Congressos e Tribunais Superiores, mas, uma vez decidido, não há mais como questionar. Em todo lugar existe essa resistência, mas uma vez aprovado e tornado lei, é ela que valerá, e uma hora o conjunto da população vai se cansar da briga e passar a assumir como assunto vencido para outras questões mais importante que irão aparecer, isso é inclusive um processo evolutivo. A sociedade é um corpo em movimento, permanentemente em mudanças essenciais que vão dando nova forma para as leis que a regem.

**Verônica Cristo** – *Cabe à maioria decidir sobre os direitos da minoria?*

**FG** – Isso depende de que direitos estamos falando. Por exemplo, no casamento homossexual é a maioria que vai acabar decidindo sobre isso, porque o Congresso não é e nunca vai ser constituído só por homossexuais. Na teoria, eu já não sei como isso ficaria. Na prática, a maioria teria que regulamentar os direitos igualitários para que as

minorias possam, com o passar do tempo, regulamentar seus próprios direitos e ir heterogeneizando o Legislativo. Ou seja, teríamos que seguir o exemplo de outros países sempre no sentido da inclusão para que tudo se transforme numa coisa harmônica, o que pode levar décadas, às vezes séculos. O maior problema é conseguir caminhar nesse processo.

**Bruno Padovano** – *Minorias ontem, majorias amanhã? Ou vice-versa... a legislação brasileira contempla tais dinâmicas, ou deveria?*

**FG** – Não, elas sempre farão parte da comunidade, mas incluídos. Participando, votando, tendo representação mais adequada nas instâncias e instituições. A minoria vai deixar de ser caracterizada por alguma propriedade “inferior” ou diferente, a minoria significará simplesmente fazer parte de um grupo estatisticamente menor da sociedade e não ter mais direitos ou menos direitos. Na verdade, pra que isso aconteça, mais direitos para esses grupos devem ser dados, para equalizar o fato de que eles foram segregados no passado.

Eu acho que a nossa legislação está tentando caminhar nesse sentido, mas vai levar tempo. A inclusão as vezes contempla de um jeito que não é muito efetivo, a exemplo das políticas de incentivo ao consumo para incluir cada vez mais pessoas na classe média. Eu tenho as minhas dúvidas em relação a isso porque se diminuir o consumo, aumenta a exclusão. Incluir mesmo implicaria mais do que em consumo, mas em educação. Não tem nada mais importante no mundo do que educação.

**Diana Pozzi** – *Os índios são a população original de nosso país e foram tornados minoria absoluta, qual seria a causa de não haver uma maior preocupação com esse grupo? Seria simplesmente porque eles têm tradições próprias?*

**FG** – Os índios são uma espécie de subgrupo que, se não forem protegidos, entrarão em

extinção, porque eles têm um estilo de vida que não é competitivo, como o são as outras sociedades do mundo. Praticamente em todos os lugares do mundo eles não conseguiram ser verdadeiramente incluídos, foram exterminados. Isso com exceção das comunidades mais competentes, como os índios do México quanto os andinos, que influenciaram e influenciam até hoje a etnia, se mesclaram, se misturaram, e hoje mais da metade da população desses países tem traços de índio, inclusive alguns presidentes, a exemplo do boliviano. Estive duas vezes na Bolívia e o país tem uma base indígena que é impressionante, é uma cultura milenar. A nossa foi atropelada pela dos colonizadores porque não tinha essa força, essas raízes tão firmadas. Os espanhóis nunca conseguiram apagar esses povos, a única saída foi a miscigenação. Os nossos tinham cultura, mas não a força cultural necessária para a sobrevivência, muito acabou sendo apagado, não houve uma manutenção dessas tradições e por isso as comunidades são tão diminutas hoje em dia.

**Bruno Padovano** – *As reservas indígenas têm uma legislação adequada? Como garantir a fiscalização sobre invasões em tais áreas?*

**FG** – Elas não parecem ter, pela quantidade de conflito por terras que vemos nos jornais. Os indígenas têm pouca visibilidade e, quando têm, sempre vemos um abuso do mais forte em relação ao mais fraco. O índio virou hoje quase uma criança superprotegida porque ela não tem fôlego próprio pra se manter, um “café-com-leite” na brincadeira. Eu acho que a questão indígena no Brasil não tem futuro, eles vão acabar desaparecendo e/ou saindo das próprias comunidades pra incorporar a nossa, o que já está acontecendo. Eles são um grupo em extinção.

**FLÁVIO GIKOVATE** *médico-psiquiatra, psicoterapeuta, conferencista e escritor. Atualmente apresentado o programa “No Divã do Gikovate”, na rádio CBN, e dedicado a maior parte do tempo à clínica – e-mail: flaviogikovate@flaviogikovate.com.br.*

**DIANA HELENA DE BENEDETTO POZZI** *professora associada da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FM-USP) e editora responsável da Revista de Cultura e Extensão USP – e-mail: revistacultext@usp.br*

**BRUNO ROBERTO PADOVANO** *professor titular da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP) e editor associado da Revista de Cultura e Extensão USP*

**VERÔNICA REIS CRISTO** *bacharel em Relações Públicas da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) e assistente editorial da Revista de Cultura e Extensão USP – e-mail: veronica.cristo@usp.br.*

**WALDENYR CALDAS** *professor titular da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) e editor associado da Revista de Cultura e Extensão USP*

**CINTIA OLIVEIRA** *graduanda em Jornalismo da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) e repórter da Revista de Cultura e Extensão USP – e-mail: cintiaoliveira1996@gmail.com*